

EDUCAÇÃO EMPÁTICA E INCLUSÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Camilla Marques da Silva; Viviane Alves dos Santos; Myria Juscilania Maraço da Silva; Adriana de Sousa Santos; Lilian K. de S. Galvão (orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande, ps.camillamarques@gmail.com

Resumo

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais é a concretização da garantia do direito constitucional que todos têm, independente de suas necessidades, a uma educação de qualidade. Contudo, para que esse direito seja efetivado de fato, se faz necessário que se construa um ambiente de respeito à diversidade e as diferenças. A empatia é considerada uma habilidade social que não apenas conduz a informação do estado do outro, mas possibilita o indivíduo a sentir com o outro e como o outro. O presente trabalho tem por objetivo promover o desenvolvimento empático infantil, tendo em vista a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais. Trata-se de uma pesquisa-intervenção realizada com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, com idades entre oito e dez anos. Os dados obtidos foram registrados no Diário de Campo e analisados por meio da Análise de Conteúdo de L. Bardin (1977). Para promover a empatia foram utilizadas técnicas que objetivaram a promoção da descentração cognitiva, elaboradas com o auxílio de diferentes recursos, tais como: poesia (“Sofia, a andorinha”), avental de contação de histórias, vídeo “A diferença que nos une” (do mundo Bitá) e vivências das diferenças. Os resultados demonstraram que o caminho escolhido para promover o respeito à pessoa com deficiência mostrou-se eficaz, uma vez que a promoção de empatia possibilitou os participantes a sentir com o outro e como o outro, o que, por sua vez, reverberou em mudanças de percepções e comportamentos. Com base nos resultados encontrados, espera-se que o modelo de intervenção construído possa inspirar outras intervenções que deverão fazer parte do projeto político pedagógico de diferentes instituições educacionais para que, de forma contínua, se esteja promovendo a empatia e o respeito às diferenças.

Palavras-chave: inclusão escolar, empatia, intervenção.

Introdução

O direito à educação e à igualdade é uma garantia presente no artigo 1º, inciso II e III, da Constituição Federal. A igualdade se traduz em um dos direitos particularmente observados pelo Estado, pela visão de igual condição de todos os cidadãos e, a partir deste, surgem outros direitos, conforme disposto no artigo 5º da Carta Magna, que determina outros direitos atinentes à igualdade (BRASIL, 1988).

São providências tomadas pelo Estado para assegurar os direitos voltados à cidadania que comportam, também, o acesso à educação como prerrogativa da formação da pessoa humana, de acordo com o artigo 5º da Constituição Federal, já referido. Pertinente a esse artigo, segue-se a

garantia de “[...] I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, disposto no artigo 206, inciso I, do mesmo instrumento (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, é possível perceber que os documentos oficiais do Brasil apresentam discussões sobre a inclusão de alunos especiais em salas de ensino regular, porque o fato de estar junto não tem favorecido o aprendizado quanto aos resultados esperados. Assim, em termos pedagógicos, vem se promovendo reflexões acerca da necessidade de se realizar mudanças e melhorias nos programas educacionais para tornar as escolas mais diversificadas, flexíveis e colaborativas. Parafraseando Pacheco (2007), a inclusão pressupõe que as escolas se ajustem ao aluno e não o aluno se ajuste à escola.

Segundo Mantoan (2004), a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nada mais é do que garantir o direito constitucional que todos têm, independente de suas necessidades, a uma educação de qualidade. Contudo, a inclusão depende não apenas da garantia do direito, mas também da capacidade de lidar com a diversidade e as diferenças.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo promover o desenvolvimento empático infantil, tendo em vista a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ambiente escolar. Trata-se de uma pesquisa-intervenção realizada com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, com idades entre oito e dez anos.

A empatia tem sido objeto de estudo na área da psicologia, da neurociência e da educação, sendo conceituada como “a capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar do outro (*role-taking*), inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada para a situação do outro do que para sua própria situação” (HOFFMAN, 1989, p 285). Galvão (2010) e Tueros (2015) mencionam em seus trabalhos a importância da promoção de empatia, uma vez que reconhecem os seus inúmeros benefícios na vida das pessoas, como o favorecimento de comportamento pró-social, melhoria na instabilidade emocional e na saúde mental.

Hoffman (2003) defende a ideia de que a empatia é uma habilidade social que pode ser desenvolvida a partir do estímulo ao processo de descentração cognitiva e sensibilidade empática. Para o autor, existem cinco estágios de desenvolvimento empático, a saber: empatia global, empatia egocêntrica, angústia empática quase egocêntrica, verdadeira angústia empática e angústia empática além da situação (ou empatia pela condição de vida do outro).

Nessa perspectiva, os resultados alcançados por essa pesquisa-intervenção, como apresentaremos a seguir, demonstraram que o caminho escolhido para promover o respeito à pessoa com deficiência mostrou-se eficaz, uma vez que a promoção de empatia possibilitou os participantes a sentir com o outro e como o outro, o que, por sua vez, reverberou em mudanças de percepções e comportamentos.

Metodologia

A proposta insere-se no formato de uma pesquisa-intervenção, realizada com dois grupos com cerca de 18 estudantes cada, do 3º ano do ensino fundamental I de uma escola pública municipal da cidade de Campina Grande-PB, na faixa de oito a dez anos de idade. Foram realizados 12 encontros, dos quais, em função do volume de dados, serão relatados apenas os dois que tratam do tema “empatia e necessidades educacionais especiais” (Quadro 1).

Encontro	Intervenção
1º	<p>Tema: Sensibilização empática a deficiência visual</p> <p>Recurso: Poesia intitulada “Sofia, a andorinha”, Avental de contação de histórias, Vendas, Objetos diversos (cubo, flauta, livro, relógio, entre outros), palitos de picolé, lápis de cor, cola branca, moldes dos personagens da poesia em estudo.</p> <p>Objetivos: Estimular o reconhecimento das potencialidades da pessoa com deficiência.</p>
2º	<p>Tema: Sensibilização empática e respeito à diferença</p> <p>Recursos: Vídeo: A diferença que nos une, do mundo Bitá, TV, vendas, objetos (cordão, bombom, livro, cofrinho, entre outros); papel ofício, cartolina, revistas.</p> <p>Objetivos: Identificar as diferentes necessidades especiais e promover o respeito às diferenças.</p>

Quadro 1: Intervenções: tema, recursos e objetivos. Fonte: elaboração própria.

A coleta de dados seguiu o procedimento ético padrão, sendo aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 66072816.2.0000.5182). As intervenções foram registradas em um Diário de Campo, que foi analisado por intermédio da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1979). Os encontros tiveram duração de 50 minutos e foram conduzidos por uma facilitadora e duas auxiliares.

Resultados e Discussão

Sensibilização empática e deficiência visual

Considerando que a escola inclusiva deve permitir o trabalho coletivo e diversificado e deve promover o desenvolvimento de atos de cooperação e de reconhecimento das diferenças, a intervenção proposta buscou sensibilizar os participantes sobre os limites e as possibilidades das pessoas com necessidades educacionais especiais, com o uso de contação de histórias e vivências pró-empatia.

Antes de iniciar a contação da história “Sofia, a andorinha”, os participantes foram convidados a expor seus conhecimentos prévios, levantarem hipóteses e inferências sobre a personagem, o cenário e sobre a história propriamente dita. Em seguida, as facilitadoras compartilharam a leitura da poesia, com o uso do avental (Figura 1).



Figura 1: Avental para a contação da história “Sofia, a andorinha”.

Fonte: Fotografia nossa.

“Sofia, a andorinha” é uma obra poética, voltada para o público infanto-juvenil, da autora Almudena Taboada, ilustrada por Ana López Escrivá e publicada no ano de 2007, pela editora Comboio de corda, que tem como tema principal “diferenças”. Sofia, a andorinha, tem uma enorme capacidade de “enxergar” o mundo a sua volta, por meio dos odores, sabores e sons. Ela gosta do cheiro de terra molhada, dos beijos da mãe e das aulas do Braille Coruja. Tem olhos cor de mel, mas não é por meio deles que ela enxerga o mundo; são os sons e os cheiros que permitem a Sofia aproveitar toda a beleza que a vida pode oferecer.

A história escolhida mostrou-se um recurso oportuno para ser utilizado em sala de aula, pois permitiu que o tema “Diferenças” fosse trabalhado de forma poética, promoveu a liberdade imaginativa para que cada um construísse o seu próprio conhecimento sobre o tema, bem como propiciou o estímulo ao exercício de se colocar no lugar da protagonista da história pela fantasia.



Ao término da contação, as crianças foram estimuladas a falarem sobre o seu entendimento a respeito da história de Sofia. A seguir, algumas falas.

“Sofia não podia ver.”

“Sofia, mesmo sem enxergar, conseguia saber os caminhos por onde andava e reconhecer pessoas, estações e cores.”

“Ela (Sofia), era inteligente porque os outros ajudavam ela, como Braille Coruja.”

“Apesar de você ser cego, pode fazer o que quiser.”

“As pessoas precisam sempre ajudar as outras.”

A análise dos registros do Diário de Campo revelou que as crianças identificaram as características da personagem “Sofia”, suas limitações e possibilidades, reconheceram a importância do outro no desenvolvimento das habilidades das pessoas com necessidades especiais e, em certo sentido, conseguiram pontuar aspectos de efeitos não-segregativos na escola, com seus possíveis desdobramentos para outros espaços da convivência social. Acredita-se que esse resultado tenha tido a influência do trabalho desenvolvido na instituição em relação à inclusão escolar, pois, segundo o diretor da escola, os alunos com necessidades educacionais especiais contam com um amparo para seu processo de aprendizagem, estando integrados a um ambiente em que os professores da sala regular e da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) lhes dedicam atenção necessária, sendo estimulado o respeito à diferença pelos pares.

Na segunda etapa da intervenção, foi proposto para as crianças participarem de uma atividade na qual vivenciaram a limitação de não poderem enxergar: com olhos os vendados deveriam reconhecer alguns objetos e colegas do grupo (Figura 2). Esta atividade tinha como finalidade principal levar os alunos a experimentarem o lugar do outro que não enxerga, com base no pressuposto de que a educação empática é um caminho eficaz para promoção do respeito às diferenças.



Figura 2: Crianças com olhos os vendados deveriam reconhecer alguns objetos e colegas do grupo.

Fonte: Fotografia nossa.

Em função do caráter lúdico da proposta, os participantes se envolveram nessa segunda etapa da intervenção de forma bastante entusiasmada. Diante das dificuldades encontradas para “adivinhar” os objetos, eles trouxeram ao debate o caso da personagem “Sofia, a andorinha” e levantaram a questão de como deve ser difícil realizar certas atividades essenciais à sobrevivência, mostrando que, de fato, a atividade os levou a se colocar no lugar do outro.

A terceira etapa da intervenção foi à construção de palitoches dos personagens da história, para que, por meio da expressão artística, eles pudessem compartilhar seus pensamentos e sentimentos. Esse momento pareceu prazeroso e divertido para as crianças, pois elas aproveitaram para recontar e criar outras versões de “Sofia, a andorinha”. Em suas criações, eles trouxeram questões de personagens portadores de necessidades educacionais especiais, fazendo parte de um ambiente amistoso e com possibilidades de vivências solidárias (Figura 3).



Figura 3: Confeção de palitoches e reconto de outras versões de “Sofia, a andorinha”.

Fonte: Fotografia nossa.

Para finalizar, as crianças foram convidadas a participarem de uma roda de conversa sobre tudo o que viveram e sentiram. A seguir, algumas falas relativas aos seus sentimentos e impressões.

“É difícil! Parece que não vamos conseguir, mas dá para fazer.”

“A gente pode fazer o que quiser, até ir para a faculdade.”

“Eu também tenho problemas de visão, não enxergo muito bem.”

“Mesmo cego, podemos fazer tudo que queremos”.

De um modo geral, a análise que se faz do primeiro encontro é que ele levou ao reconhecimento das possibilidades da pessoa com deficiência visual, bem como ao entendimento, por intermédio do desenvolvimento empático, de que é necessário se assumir uma postura receptiva, prestativa e respeitosa para com os colegas que necessitam de uma atenção especial, seja na escola ou na comunidade (MANTOAN, 2004).

Sensibilidade Empática e Respeito à diferença

O segundo encontro iniciou-se com a retomada do tema a partir do vídeo intitulado “A diferença é que nos une”, do *Mundo Bitá*. Por meio de desenhos coloridos e melodia alegre, o musical traz, ao lado da já famosa figura de bigode laranja e cartola, personagens como uma criança cadeirante jogando basquete, uma deficiente auditiva ensinando a linguagem dos sinais e um menino com deficiência visual brincando com o personagem Tito. A personagem “Bitá” dá voz a versos cheios de mensagens de inclusão e naturalização das diferenças, trazendo o tema de forma leve ao universo infantil. “A diferença é o que nos une” mostra que não há limitações para as crianças com necessidades educacionais especiais, pois são “quase super-heróis”, como afirma a canção:

Para ver melhor amigo use o coração. Enxergar o que é belo sem usar a visão. Pare pra escutar que no silêncio há uma canção. Deixa bater no peito o tambor da vibração. Quem disse que não podemos? Nunca duvide de nós! Somos especiais, quase super-heróis. Nosso corpo fala preste muita atenção. Não precisa palavra pra comunicação. Tantas são as formas de cruzar a imensidão. Demonstrando pro mundo nossa superação. Quem disse que não podemos? Nunca duvide de nós! Somos especiais, quase super-heróis. Um pouco de carinho e de bondade. Pra ver que a diferença é o que nos une de verdade. E mesmo sendo assim ou sendo assado, o amor se multiplica e se espalha por todo lado (MUNDO BITÁ, 2016).

A partir do recurso musical, os participantes conseguiram identificar o tema em questão e relacionar com a poesia “Sofia, a andorinha”. Eles cantaram e indicaram as necessidades especiais apresentadas pelas personagens, porém sentiram dificuldades para nomeá-las. Utilizaram termos como “aleijado ou defeituosos” para se referir ao cadeirante e “mudo” para o portador de deficiência auditiva. Diante da dificuldade observada, a mediadora realizou intervenções de esclarecimentos, tendo em vista que algumas expressões utilizadas pelas crianças são de cunho pejorativo e foram modificadas ao longo da história, acompanhando a luta pela garantia de direitos as pessoas com deficiência.

Ferreira e Guimarães (2003) defendem que a nomenclatura correta para a definição de pessoas com deficiência não é apenas uma questão ortográfica, mas também de inclusão social,

respeito, superação de preconceitos e estereótipos. Assim, conceitos antes corretos, tornaram-se obsoletos ou podem transmitir ideias equivocadas ou informações incorretas. Nessa perspectiva, surge a necessidade de adotar conceitos padrões e atuais sobre a nomenclatura a ser utilizada para designar pessoas com deficiência.

Em um segundo momento, as crianças foram divididas em grupos para vivenciarem situações nas quais puderam se colocar no lugar do outro e viver os limites e as possibilidades diante das tarefas propostas. Tais atividades consistiam em: com olhos vendados, fazer um desenho e colorir (deficiência visual); sem utilizar as mãos, desembulhar um bombom e levá-lo para a boca (deficiência física); assistir um vídeo sem áudio, depois, socializar o que compreenderam (deficiência auditiva) e, por meio de mímicas, interagir com os colegas (deficiência na fala).

Durante a execução da proposta, percebeu-se que as crianças se esforçaram para conseguir realizar as atividades e se sentiram desafiadas a buscarem alternativas para se sobressaírem de forma assertiva. Algumas falas ilustram bem como essa atividade mobilizou as crianças a enxergarem as diferenças por outro ângulo: “Pra mim não é fácil.”. “Foi muito ruim”. “Doeu no meu coração”.

Na terceira etapa do segundo dia de intervenção, as crianças construíram cartazes para ilustrarem as diferentes necessidades especiais e seus sentimentos em relação às vivências (Figura 4).

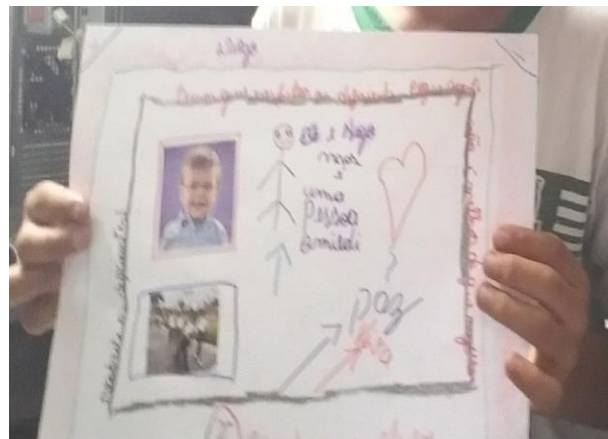


Figura 4: Cartazes de expressão de sentimentos em relação ao tema Diferenças.
Fonte: Fotografia nossa.

Para finalizar, as crianças foram convidadas a participarem de uma Roda de conversa sobre a vivência do dia. Nesse momento, constatou-se que muitos participantes revelaram uma

sensibilidade empática em relação ao tema, demonstrando conseguir enxergar a pessoa com deficiência como um indivíduo dotado de potencialidades e não apenas de “deficiências”.

De um modo geral, os resultados das duas intervenções apresentadas demonstraram a relevância de se promover educação empática nas escolas de modo permanente, para que as crianças possam vivenciar e evoluir nos estágios de empatia (HOFFMAN, 2003) e, assim, possam construir uma cultura de paz e cidadania, voltadas para a inclusão.

Conclusão

Em primeiro lugar, ratifica-se a importância do desenvolvimento de intervenções que objetivem a promoção de empatia em crianças, uma vez que são poucos os trabalhos encontrados dentro dessa proposta, apesar dos benefícios indiscutíveis de intervenções dessa natureza. Em segundo, considera-se que proposta aqui apresentada é auspiciosa e julga-se recomendável para orientação de projetos de inclusão educacional, tendo em vista que os recursos utilizados podem ser facilmente adaptados a outros contextos. Em terceiro, a partir dos resultados encontrados, considera-se que o caminho escolhido para promover o respeito à pessoa com deficiência mostrou-se eficaz, uma vez que a promoção de empatia não apenas conduz a informação do estado do outro, mas possibilita o indivíduo a sentir com o outro e como o outro, o que, por sua vez, facilita mudanças de percepções e comportamentos.

Por fim, sabe-se que o trabalho desenvolvido apresenta limitações, no sentido de ser uma ação isolada, mas que, em função dessa autocrítica, deverá ser incluído na proposta Política Pedagógica da Escola para que, de forma contínua, se esteja promovendo a empatia e o respeito às diferenças.

Referências

BRASIL. Constituição Federal. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LTDA, 1977.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M.. **Educação Inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais**. 2010. 299 f. (Tese de Doutorado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GALVÃO, L. K. S.; DUTRA, M. P. Empatia na educação infantil e o uso de desenho animado. In: III Congresso Nacional de Educação – **CONEDU**. 2016. NatalHOFFMAN, M. L. Empaty, role-talking, guilt and development of altruistic motives. In: EISENBERG, N.; ROYKOWSKY, J.; STAUB, E. (Org). **Social and moral values: individual and societal perspectives**, Hillsdale: N.J. Erlbaum, 2003, p.139-152.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2004. (Col. Cotidiano Escolar).

MUNDO BITA. A diferença é o que nos une. **Bitá e o Corpo Humano**. Brasil: Sony Music, 2016. 1 CD, Faixa 08.

PACHECO, J. et al. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TUEROS, I. F. **Desarrollo de la empatía en edades tempranas**. 2015. 20 f. Monografía (Graduação em Educação Infantil) - Escuela Universitaria de Magisterio de Bilbao. Leioa, 2015.

Link do recurso sugerido

Episódio “A diferença é o que nos une”, do mundo Byta. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=eLtzvypcurE>

Agradecimento

Ao CNPq pelo financiamento do Projeto.